

CONSIDERAÇÕES SOBRE NATUREZA E VALOR EM SCHELER

CARLOS MATHEUS

A filosofia, mesmo quando elaborada com o intuito de se tornar um sistema, fica sempre aquém do projeto a que se propõe. Isto ocorre por dois motivos: suas respostas pretendem sempre uma universalidade fugidia e suas perguntas surgem sempre de uma individualidade em mudança.

Scheler é o melhor exemplo de uma filosofia plena em seus fundamentos e inacabada em seus resultados. Seu projeto parte de uma busca de um método para explicar o conhecimento das coisas, passa por uma revisão da ética para se completar em uma reinterpretação da natureza. Trata-se de rever a relação entre a sensibilidade face ao real, tanto da perspectiva dos fundamentos práticos do sujeito cognoscente quanto dos princípios formais da cognoscibilidade das coisas.

Partindo de um projeto de reformulação do formalismo ético de Kant, procura demonstrar que havia um equívoco em Kant na oposição entre as éticas formais e as éticas empíricas, na medida em que os valores necessitam ao mesmo tempo de um fundamento a priori e de uma realização material. Experiência e a priori são os dois componentes dos valores com os quais Scheler estabelece uma relação unificante entre o humano e a natureza.

Carlos Matheus é Professor Dr. do Departamento de Filosofia da PUC-SP.

A noção de natureza em Scheler tem a ver com a noção de natureza em Platão, na sua releitura agostiniana, passando por Spinoza, até chegar a Kant. Scheler é destes filósofos de linhagem. Sua referência imediata é Kant a quem se reporta insistentemente para rever, corrigir ou se contrapor. Logo nas primeiras linhas de sua obra mais importante – “O Formalismo em Ética e a Ética Material dos Valores” – após sucessivas referências a Kant, atira-lhe com violência estas palavras:

“Estou plenamente convencido de que este monstro de estanho obstrui o caminho da Filosofia e impede a constituição de uma teoria concreta capaz de atingir – independentemente de qualquer recurso à experiência positiva – o discernimento dos valores morais, sua hierarquia e as normas que dependem desta hierarquia” (*Der Formalismus in der Ethik*).

Kant, “um monstro de estanho”! Por quê? Entre outros motivos, porque Kant, segundo Scheler, construiu uma ética fundada em uma teoria meramente racional da percepção do mundo, omitindo qualquer viabilidade de acesso imediato às fontes do conhecimento natural e principalmente à capacidade da razão a alcançar “as coisas em si”. Esta questão da cognoscibilidade das coisas em si remete Scheler a Platão, passando por Spinoza e Santo Agostinho. Se Spinoza (por quem Scheler sempre conservou secreta admiração e a quem reservou uma emocionada homenagem) restaura a viabilidade de acesso da razão à natureza e a própria harmonia através da qual a mente alcança seu objeto. Como Platão, restaura a própria noção de natureza enquanto o ponto focal de apoio através do qual vemos, de modo universal e necessário, o ser em si das coisas.

Afinal, o “ser em si”, o nômene tão hermeticamente oculto ao olhar investigativo de Kant estaria visível ao olhar apaixonado de Scheler? Não apenas ao do próprio Scheler mas, segundo ele, a todo e qualquer ser humano, em qualquer tempo ou lugar. Todos vemos o em si das coisas, afirmou Scheler, mostrando que este “tô on” de Platão não fora suficientemente investigado por Platão e muito menos por Kant. Em certo sentido, o nômene ético de Platão se manifesta sob a noção de bem que não apenas define a orientação da conduta como também abre caminho para a teoria das idéias e para ali introduzir sutilmente a noção de ser, nascida com Parmênides. O em si das coisas seria algo que não vemos nem alcançamos, no sentido em que Kant atribui à “sua” fenomenologia. Pois a fenomenologia de Scheler foi construída para provar que o em si é algo tão universal e necessário quanto a noção de espaço e tempo, as categorias a priori e o próprio imperativo categórico de Kant. Nossa visão do mundo não nos impede de vê-lo. Não porque a natureza nos mostre mas porque trazemos

conosco, em nosso contato com o mundo, esta capacidade universal de ler até sua configuração real.

Scheler apontava no sujeito o “em si” renunciado mas não designado por Platão. Via na transparência do ver o filtro coincidente com aquilo que a metafísica longamente buscara fora do sujeito. Este filtro é o valor que se institui como entidade translúcida e essencial inserida na relação eu-mundo sem qualquer tarefa divisória e sim como elemento unificador.

Para Kant, natureza é “a existência das coisas enquanto determinadas por leis universais. Se natureza significasse a existência das coisas em si mesmas, não poderíamos conhecê-las nem a priori nem a posteriori”. – diz Kant no parágrafo 14 dos Prolegômenos. Para Scheler, seria possível dizer que a natureza é a existência das coisas enquanto determinadas por valores: sem valores não conheceríamos as coisas nem a priori nem a posteriori.

Scheler afirma que o valor é o “em si” que está tanto na natureza quanto impresso na mente ou, mais precisamente, para ajustar à sua teoria emocional da percepção, no coração de todos os homens. Removendo da noção kantiana de “intuição” seu caráter meramente empírico, isto é, de captação sensorial dos objetos da natureza, Scheler atribui à intuição um caráter cognitivo muito mais amplo e até mesmo pré-racional. Para Scheler, nós intuimos valores porque os valores constituem o verdadeiro objeto de nosso conhecimento. Vemos nas coisas, valores. Vemos, na natureza, estas essências carregadas de significado e densas de conteúdo emocional. Valores não são, para Scheler, apenas um dos critérios de nossa faculdade de julgar. São essências, são fragmentos de um universo de infinitas formas que se produzem nas coisas, tornando possível nosso conhecimento sensível. Platão teria chegado bem perto deste tesouro revelador do ser, sem alcançá-lo. Sua teoria das idéias caminhava na direção desta visão universal e apriorística dos valores. No entanto, teria faltado a Platão e também a Kant a percepção de que as idéias não são objetos apenas da mente e sim constituem essências da realidade sensível e simultaneamente objeto de nossa intuição, que Scheler designava como percepção afetiva. Nossa relação com a natureza se reveste desta intuição ativa (como em Kant) mas carregada de uma intensa carga emocional, como em Platão, e de uma plena convicção da certeza de sua inserção no mundo.

A natureza é, para Scheler um imenso produto dos valores realizados porque os valores não são apenas essências ideais (como em Platão) ou conceitos a priori (como Kant) mas também dão realidade às coisas que vemos, porque são produtos do real.

No dizer de Ortega, Scheler foi um “embriagado de essências” porque introduziu as essências nos valores e viu em tudo que vemos estas essências universais que os seres (racionais ou não) necessariamente conhecem. Nós não vemos apenas as coisas: vemos, nas coisas, os valores que nelas estão depositados. Os valores são realidades em si que se tornam realidade sem perder seu caráter essencial.

Valores são formas tão inteligíveis como as idéias, para Platão, porém perceptíveis a este centro emocional do conhecimento que escapara ao alcance da análise kantiana, a *sympathiegefühlen* ou percepção afetiva. Sob a palavra “simpatia” Scheler redescobriu o pathos convergente do eu e do mundo com que Spinoza construiu sua teoria unitária do real. É pela simpatia que Scheler considerou possível alcançar a essência valorada das coisas num impulso irrefreável, porque universal e necessário, da vontade em direção aos valores. Vemos as coisas porque vemos os valores que nas coisas se apoiam. Vemos a natureza porque todo o real é produto da realização de valores.

Kant opunha forma e matéria para vincular tudo que é material à experiência. Matéria, para Kant é a sensação produzida pelos objetos externos em nossa sensibilidade. Scheler não considera matéria apenas o que está além de nossos sentidos e muito menos sem efeito sensorial no sujeito. Matéria é o depósito e o produto de uma infinita fenomenalização axiológica. A natureza é matéria e é valor porque é na sua materialização que o valor se manifesta. Valores se tornam realidade produzindo as coisas. Se vemos as coisas é porque, nas coisas, os valores já estão inseridos como o fundamento “em si”, que Kant não conseguia ver.

Valores estão também inseridos nesta matéria imensa a que se chama natureza. Cabe ao olhar humano “ver” e realizar valores – esta essência a priori e necessária que dá fundamento universal ao conhecimento humano e dá concretude prática à natureza das coisas. O mundo natural, para Scheler, é uma infinita extensão do mundo axiológico, desdobrando-se e desenvolvendo-se em uma rota não-preestabelecida (como supunha Leibnitz) e sim dialeticamente harmônica (numa sutil integração entre o dinamismo criador de que falava Hegel e movimento infinito das mônadas que falava de Leibnitz).

Afinal, que são valores, para Scheler? Um Absoluto? Um pressuposto universal para o conhecimento e para as ações? Tudo isto e ainda mais: uma circularidade de essências movendo a história, impulsionando a ciência e normatizando a conduta moral. Sabemos e fazemos ciência porque

amamos o valor da verdade e sabemos como agir porque conhecemos o valor que se aplica em cada circunstância.

Às perguntas de Kant – que posso saber, que devo fazer e que posso esperar? – Scheler responde dizendo que Kant não conseguiu uma resposta efetiva porque não foi capaz de perceber que a experiência material não se opõe à exigência formal: formas a priori podem ser também matérias empíricas, desde que integradas nesta noção de um valor que conserva seu caráter apriorístico mesmo após suas infinitas maneiras de materializar-se. Os exemplos são múltiplos: a beleza não se esgota em cada obra de arte que a revela embora só vejamos a beleza depois de realizada. Também pelo seu reverso, os valores são cognoscíveis: vemos o valor da justiça quando algo injusto se apresenta. Os valores podem ser vistos tanto em sua realização material como em sua ausência. Em ambos os casos, os valores são captados por nós como objetos de uma evidência plena que precisam ser “realizados” para que possamos nos sentir “realizados”. A realização do valor no mundo das coisas é um em si que produz no eu a sensação de uma auto-realização em si. Ficamos felizes ao ver um valor realizado e tristes quando não se realiza.

Os valores estão nas coisas, constituindo o seu “em si” mas não se esgotam nas coisas que o revelam. Os valores transcendem aos seus suportes reais conservando-se neles. Este é seu lado mágico e fecundo. Sua dimensão de infinitude se move do universal formal ao material concreto num movimento contínuo do que nosso agir é a própria causa eficiente e motora.

Scheler via o universo movido por um imenso impulso interno que produz atos, riqueza, progresso, cultura, história e toda a imensa multiplicidade das coisas. Tudo começa por um impulso axiológico que se institui a partir da captação de valores.

Valores são captados e realizados, sem perder sua universalidade, sobrevivendo enquanto essência às suas infinitas concretizações. A beleza não se esgota em nenhuma das obras de arte que a contêm nem a verdade em nenhuma das investigações científicas produzidas. Nenhum ato de justiça esgota a justiça, como valor, embora esteja plenamente presente em cada ato justo que praticamos.

A noção de natureza em Scheler está inteiramente envolvida pela noção de uma hierarquia da vontade de poder que manifesta através da vida vegetal, seguida da vida animal em seu plano superior até alcançar o nível mais alto em que o humano reúne o “velar” da planta, o “sentir” do animal e o intuir do humano.

A diferença entre o homem e o animal não está na inteligência e sim no espírito, que consiste na sua capacidade de “ser determinado pelo ser-real das coisas e responder-lhe”. O espírito consiste, para Scheler, em ser aberto para o mundo, dando ao próprio espírito consciência de si face ao mundo. O animal pode ter consciência mas só o homem dispõe de uma consciência de si. O espírito é centro de decisão da vontade de poder. Face ao mundo, é “atualidade pura” de sua própria potência de ação.

O espírito é um atributo de ser em si que se manifesta através do ser humano, que se concentra na dimensão interna da pessoa. O ser humano é movido “de baixo para cima e não de cima para baixo” (Sit. homem no mundo), de vez que a força impulsionadora (*drang*) é “tanto mais poderosa quanto mais inferior e tanto mais importante quanto mais superior” (*Der Stellung der Meuschen in die welt*).

Gelst e *Drang* se tocam, um vindo de cima e o outro de baixo. “O espírito é impotente e lúcido tanto quanto o impulso é vigoroso e cego. Scheler termina sua visão do lugar do humano na natureza por uma postulação de um vínculo iminente entre espírito, natureza e espírito vital. Isto significa afastar-se da visão de um Deus pessoal para aderir a concepção de que “o ser em si que toma consciência de si no humano por meio do próprio ato em que o homem se vê fundado no ser em si”. As coisas, “a cada segundo, procedem do ser em si, no sentido de uma criação contínua do próprio ser-em-si”. Prossegue Scheler dizendo que “o homem é o ponto de encontro” entre o espírito e o impulso. Isto o leva afirmar que “o advento do homem e o advento de Deus dependem reciprocamente um do outro.” (*Der Stellung*)

Em síntese, pode-se dizer que Scheler não tomava a natureza como ocultação do ser e sim como realização do valor que, para ele, constitui o em-si das coisas. Além disto, o valor se apresenta como o ponto de confluência entre vontade e natureza, do mesmo modo que o homem é o ponto de confluência entre *Geist* e *Drang*. Natureza e valor são ambos criadores e ambos inacabados, em contínuo processo. Os valores, sendo fixos e imutáveis, se movem em constante renovação para recobrar permanentemente o sentido e o fundamento da vida.